

Automedicação entre acadêmicos de Medicina das Universidades Católica e Federal de Pelotas/RS

Self-medication among medical students of two medicine schools in Pelotas, South Brazil

Maurício Castro Pilger¹, Gabriela Dombrowski¹, Matheus Rebelo¹, Elaine Tomasi²

RESUMO

Introdução: A automedicação é uma prática frequente e com consequências importantes para o perfil de saúde da sociedade, seja contribuindo para que o sistema de saúde não fique sobrecarregado de consultas médicas por sintomas de fácil resolução ou dificultando o diagnóstico de uma possível patologia de base por mascarar seus sintomas. **Métodos:** Estudo transversal descritivo realizado com 609 estudantes de Medicina de 2 universidades, sendo uma instituição pública e outra privada, da cidade de Pelotas/RS, que busca caracterizar a automedicação entre os acadêmicos. **Resultado:** A pesquisa aponta para uma altíssima taxa de automedicação entre esses acadêmicos (90%). A prática foi mais comum entre as mulheres, e sua frequência aumentou conforme o acadêmico estivesse mais avançado no curso. Analgésicos, anti-inflamatórios não esteroides (AINEs) e antitérmicos foram as classes mais utilizadas sem orientação médica. **Conclusão:** A alta taxa de automedicação encontrada no presente estudo reforça a necessidade da correção dessa problemática através de uma mudança do ensino médico, uma vez que o curso não aborda o tema de modo a criar um senso de conscientização que os acadêmicos possam, futuramente, orientar seus pacientes de maneira crítica quanto ao uso racional e responsável das medicações.

UNITERMOS: Automedicação, Acadêmicos de Medicina, UFPel, UCPel.

ABSTRACT

Introduction: Self-medication is a common practice and with important consequences for society's health profile, whether by contributing for the health system not to be overloaded with medical consultations for easily resolved symptoms or by hindering the diagnosis of a possible underlying pathology by masking its symptoms. **Methods:** A descriptive cross-sectional study of 609 medical students from two universities, a public and a private institution, in the city of Pelotas, south Brazil, seeking to characterize self-medication among undergraduate students. **Results:** The study points to a high rate of self-medication among these students (90%). The practice was more common among women and its frequency increased as the student was more advanced in the course. Pain killers, NSAIDs and antipyretics were the most often drug classes used without medical supervision. **Conclusion:** The high rate of self-medication in the present study reinforces the need for correcting this problem by changing the current medical education, since the medicine course does not address the issue in order to create a sense of awareness, so that academics can eventually guide their patients critically about the rational and responsible use of medications.

KEYWORDS: Self-medication, Medical Students, UFPel, UCPel.

¹ Discente do curso de Medicina da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

² Doutor em epidemiologia pela UFPel. Docente do curso de Medicina da UFPel.

INTRODUÇÃO

Os padrões de utilização de medicamentos são importantes marcadores da situação de saúde. O conhecimento acerca desses padrões pode ajudar a estimar a prevalência de doenças que afetam populações específicas, além de fornecer informações sobre como os recursos terapêuticos são utilizados (1). Nesse contexto, a automedicação é um importante problema que pode dificultar o diagnóstico precoce e, ainda, propiciar condições para o surgimento de micro-organismos resistentes como também doenças iatrogênicas (2). Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), automedicação é definida como o uso de drogas sem prescrição, orientação, ou acompanhamento por um médico ou dentista (3). Atualmente, mais de 50% de todos os fármacos são prescritos, dispensados ou vendidos inapropriadamente; metade dos usuários não toma os fármacos corretamente e mais de 50% de todos os países não implementam políticas básicas para promover o uso racional de fármacos (4). No Brasil, a automedicação é comum na população em geral (5), e ao menos 35% do volume de drogas adquiridas são por automedicação (6). Em adição, a automedicação também está associada a efeitos adversos relacionados à interação medicamentosa e a outras substâncias, como drogas e bebidas alcoólicas (7). O acúmulo de fármacos nas residências (8), dificuldades de acesso ao Sistema Único de Saúde (SUS), encarecimento dos planos de saúde privados, familiaridade com medicamento, experiências positivas anteriores e a função simbólica que os medicamentos exercem sobre a população estão entre os fatores de risco conhecidos para a automedicação (5,9,10,11).

Pesquisas (12,13) sugerem que o grau de instrução e a área profissional influenciam na prática da automedicação, sendo esta atividade mais intimamente relacionada a profissionais e acadêmicos da área da saúde, em especial aos estudantes do curso de Medicina. O nível de conhecimento e a afinidade com a prática médica surgem como supostos padrões instigadores da automedicação. Neste contexto, o presente estudo objetiva avaliar o comportamento dos futuros médicos das Universidades Federal e Católica de Pelotas em relação à prática da automedicação e fatores associados, uma vez que serão responsáveis por instruir seus pacientes quanto ao uso correto dos fármacos.

MÉTODO

Foi realizado um estudo transversal descritivo em uma amostra de 609 estudantes de Medicina de duas universidades do município de Pelotas/RS, sendo uma delas pública e a outra, privada. Como instrumento de coleta de dados, foi usado um questionário autoaplicado em acadêmicos do 1º ao 4º ano, sendo que todos os alunos presentes em sala de aula no dia da entrevista foram convidados a participar da pesquisa; a amostra da sala foi considerada válida apenas se, no mínimo, 85% dos matriculados em cada turma estivessem presentes. Para critério de inclusão, bastava es-

tar matriculado no curso de Medicina no 1º ao 4º ano, e ter assinado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Foram excluídos os alunos do quinto e sexto anos devido às dificuldades de localização, uma vez que os mesmos se encontram em atividades separadas geograficamente em diferentes estágios.

A coleta de dados ocorreu entre os meses de março a agosto de 2014, o questionário foi validado por um estudo-piloto e aplicado aos estudantes após aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas – parecer nº 21445613.5.0000.5317. Os princípios éticos foram respeitados, e os questionários, respondidos voluntária e individualmente.

Uma vez que o desfecho foi uma variável dicotômica “Você usou algum medicamento sem prescrição nos últimos doze meses?”, foram realizadas comparações entre as proporções por análise bivariada, utilizando-se o teste do qui-quadrado, com nível de significância de 5%.

RESULTADOS

Dos 609 estudantes que responderam aos questionários, 548 (90%) referiram ter se automedicado nos últimos 12 meses. Em relação à quantidade de vezes que cada acadêmico se automedicou, a distribuição da amostra foi homogênea, pois 50% referiram ter se automedicado até nove vezes no último ano e 50%, 10 vezes ou mais. A maior parte dos participantes encontrava-se na faixa de idade de 22 a 24 anos (35%), sendo que a faixa dos 16 aos 19 anos teve a menor prevalência de automedicação (80%), enquanto alunos de 22 até 39 anos tiveram a prevalência mais alta (94%, $p < 0,05$) (Tabela 1).

A maior parte dos estudantes não era natural de Pelotas (81%), e 43% estudavam na UCPel, enquanto que 57% na UFPel. Alunos da instituição pública demonstraram se automedicar mais do que os alunos da particular, com uma prevalência de 94% e 86%, respectivamente ($p < 0,05$). A distribuição dos alunos conforme o período que cursavam foi relativamente homogênea, e a prevalência de automedicação foi menor entre os alunos do 1º ano (79%) e maior entre os alunos do 4º ano (99%, $p < 0,05$), conforme Figura 1. Em termos de renda familiar, 91% dos participantes afirmaram que a renda ultrapassava seis salários mínimos, sendo que a prevalência de automedicação entre as diferentes faixas de renda não foi estatisticamente significativa ($p = 0,296$). A maior parte da amostra (92%) não trabalhava, e a escolaridade da mãe e do pai não pareceu influenciar de maneira relevante na prevalência da automedicação ($p = 0,888$ e $p = 0,774$, respectivamente) (Tabela 1).

Com relação ao estilo de vida, 64% dos entrevistados afirmaram praticar atividades físicas regularmente, 96% negaram fumar, 84% não referiram doenças crônicas e 55% autoavaliaram sua saúde como muito boa ou excelente, sendo que essas variáveis não influenciaram significativamente a prevalência de automedicação. A maior parte dos estudantes referiu utilizar convênios como modalidade de atendimento

Tabela 1. Distribuição da amostra, prevalência de automedicação e razões de prevalência de acordo com variáveis sócio-demográficas. Pelotas/RS, 2014.

Variável	n	%	Prevalência de Automedicação	RP (IC 95%)	p-valor
Sexo					
Masculino	359	59%	87,5%	1,00	0,068
Feminino	250	41%	92,5%	1,06 (1,00-1,12)	
Idade					
16 a 19	123	20%	79,5%	1,00	<0,05
20 a 21	179	29%	92,2%	1,16 (1,05-1,28)	
22 a 24	210	35%	93,8%	1,18 (1,07-1,29)	
25 a 39	97	16%	93,8%	1,18 (1,06-1,30)	
Município					
Pelotas	114	19%	86,0%	1,00	0,106
Outro	494	81%	91,4%	1,06 (0,98-1,15)	
Universidade					
UCPel	261	43%	85,7%	1,00	<0,05
UFPel	348	57%	94,0%	1,09 (1,03-1,16)	
Período					
1º ano	172	28%	78,9%	1,00	<0,05
2º ano	166	27%	91,5%	1,16 (1,06-1,27)	
3º ano	132	22%	94,7%	1,20 (1,10-1,31)	
4º ano	138	23%	99,3%	1,25 (1,16-1,36)	
Renda Familiar (SM)					
Até 5	99	20%	85,7%	1,00	0,296
6 a 10	135	27%	91,0%	1,06 (0,96-1,16)	
Mais de 10	267	53%	91,0%	1,06 (0,97-1,16)	
Trabalho					
Não	557	92%	90,1%	1,00	0,466
Sim	52	8%	94,2%	1,04 (0,97-1,12)	
Escolaridade da Mãe					
Fundamental	32	5%	90,3%	1,00	0,888
Médio	122	20%	93,4%	1,03 (0,91-1,17)	
Superior	238	40%	91,6%	1,01 (0,89-1,14)	
Pós-Graduação	212	35%	87,7%	0,97 (0,85-1,10)	
Escolaridade do Pai					
Fundamental	62	10%	88,3%	1,00	0,774
Médio	162	27%	91,4%	1,03 (0,93-1,14)	
Superior	236	39%	91,1%	1,03 (0,93-1,14)	
Pós-Graduação	146	24%	89,7%	1,01 (0,91-1,13)	

médico (71%), sendo que a prevalência da automedicação entre eles foi a mais alta (93%), enquanto usuários do SUS corresponderam a 5% da amostra e tiveram a prevalência de automedicação mais baixa (82%, $p=0,750$).

Automedicação foi referida por 88% dos homens e 93% das mulheres ($p=0,068$). As classes de medicamentos mais utilizadas pelos participantes da pesquisa ao se automedicarem foram os analgésicos (93%), anti-inflamatórios não esteroides (AINEs) (76%) e antitérmicos (58%). Além disso, 18% dos entrevistados afirmaram ter feito uso de antibióticos sem prescrição médica, e 9% alegaram ter feito uso de psicofármacos, conforme Figura 2. O método de obtenção mais comum do fármaco foi a compra na farmácia sem prescrição (87%), e o menos comum foi a compra com prescrição antiga (6%).

Os sintomas que mais motivaram a automedicação foram febre (58%), cefaleia (87%) e mialgia (64%). A maior parte dos participantes tomou conhecimento do fármaco utilizado para se automedicar pelo uso recorrente familiar (71%) e

através das aulas (54%). O conhecimento dos efeitos adversos das medicações foi referido por 79% dos alunos.

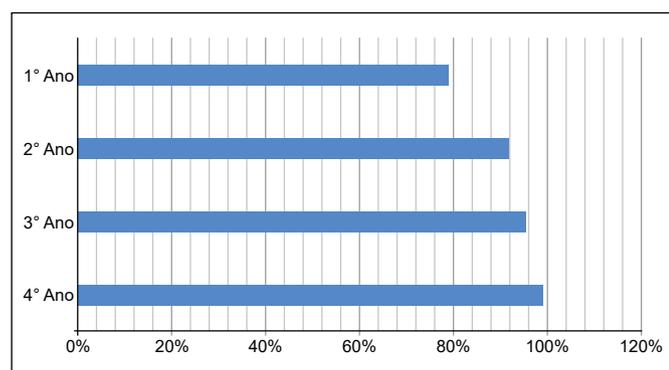
DISCUSSÃO

O presente estudo apontou para uma taxa de automedicação de 90% nos últimos 12 meses. Este resultado foi similar a outros estudos (14-17), os quais apontaram taxa maior de automedicação em acadêmicos da área da saúde, enquanto outras pesquisas que avaliaram apenas acadêmicos de Medicina (13,18) demonstraram prevalência semelhante à encontrada neste estudo. Em adição, estudos (19,20) que avaliaram a automedicação na população em geral demonstraram valores de automedicação entre 60 e 70%, o que sugere maior prevalência desse desfecho entre acadêmicos de Medicina, quando comparado ao público em geral.

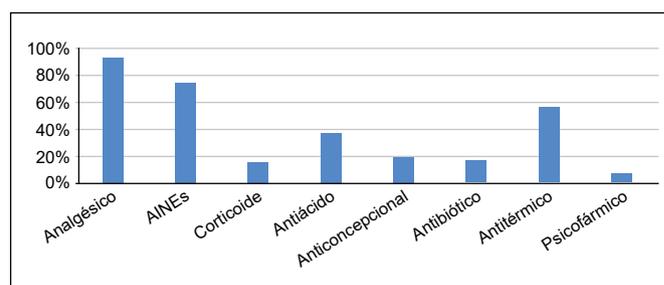
De acordo com nosso estudo, acadêmicos mais adiantados no curso possuem maior prevalência de automedicação quando comparado aos de semestres iniciais, o que vai

Tabela 2. Distribuição da amostra, prevalência de automedicação e razões de prevalência de acordo com variáveis comportamentais e de saúde. Pelotas/RS, 2014.

Variável	n	%	Prevalência de Automedicação	RP (IC 95%)	p-valor
Prática atividade física					
Sim	388	64%	90,2%	1,00	0,916
Não	220	36%	90,8%	1,00 (0,95-1,06)	
Minutos por semana de atividade física					
150 ou mais	273	70%	91,2%	1,02 (0,95-1,11)	0,543
Menos de 150	114	30%	88,6%	1,00	
Fuma					
Sim	25	4%	96,0%	1,07 (0,97-1,16)	0,527
Não	578	96%	90,1%	1,00	
Possui alguma doença					
Sim	95	16%	90,5%	1,00 (0,93-1,07)	0,881
Não	512	84%	90,4%	1,00	
Autoavaliação da saúde					
Excelente	77	13%	88,3%	1,32 (0,75-2,35)	0,373
Muito Boa	253	42%	89,7%	1,34 (0,76-2,37)	
Boa	215	36%	93,0%	1,40 (0,79-2,46)	0,176
Regular	54	9%	88,9%	1,33 (0,75-2,37)	
Ruim	6	1%	66,7%	1,00	0,372
Já consultou com médico					
Sim	594	98%	90,7%	1,21 (0,87-1,67)	0,182
Não	12	2%	75,0%	1,00	
Modalidade mais utilizada					
Particular	141	24%	86,5%	1,05 (0,88-1,26)	0,754
Convênio	422	71%	92,7%	1,12 (0,94-1,34)	
SUS	29	5%	82,1%	1,00	

**Figura 1** – Automedicação referida conforme período.

ao encontro de outro trabalho (21), mas opõe-se a outros (12,13,14,16,18) que não demonstraram diferença significativa entre estudantes mais avançados no curso. Vilarino (19) sugeriu que, depois de alguns anos na universidade, o aluno torna-se mais consciente por adquirir conhecimento acerca dos malefícios da automedicação; contudo, em nosso estudo, acreditamos que o acúmulo de conhecimento adquirido na faculdade e a experiência de vida tornam o indivíduo mais confiante e seguro para se automedicar. Em concordância, encontramos proporcionalidade direta entre a idade e a automedicação, também abordado no estudo populacional (9), o que sustenta a hipótese citada. Possivelmente, a diferença entre os períodos estudados não seja suficiente para visua-

**Figura 2** – Automedicação referida segundo classe farmacológica.

lizar esse conceito devido ao tamanho restrito da amostra, tendo em vista que esses estudos relatam certa disparidade, mas não foi comprovada sua significância.

A escassez de dados que avaliem a relação entre automedicação e município de origem decorre possivelmente da mudança recente que ocorreu no método de ingresso em instituições de ensino universitário, o qual hoje conta com o ENEM. Esse novo método de ingresso faz com que muitos estudantes da instituição pública não sejam da cidade de Pelotas, o que nos permitiu avaliar essa relação. Entretanto, não houve diferença significativa nesta variável.

O perfil observado na população estudada mostrou não haver diferença significativa entre gênero, renda familiar, trabalho, escolaridade dos pais e prática de atividade física. Também não encontramos relevância entre automedicação e tabagismo, porém contamos com uma amostra reduzida

Tabela 3. Variáveis da automedicação.

Variável	N	%
Automedicação		
Sim	548	90%
Não	58	10%
Número de vezes que se automedicou nos últimos 12 meses		
1 a 4	145	28%
5 a 9	114	22%
10 a 15	131	25%
16 ou mais	128	25%
Analgésicos		
Sim	508	93%
Não	41	7%
AINEs		
Sim	415	76%
Não	134	24%
Corticoide		
Sim	92	17%
Não	457	83%
Antiácidos		
Sim	208	38%
Não	340	62%
Anticoncepcional		
Sim	111	20%
Não	436	80%
Antibiótico		
Sim	98	18%
Não	444	82%
Antitérmico		
Sim	313	58%
Não	229	42%
Psicofármaco		
Sim	4	9%
Não	495	91%
Compra na farmácia sem prescrição		
Sim	465	87%
Não	70	13%
Compra na farmácia com prescrição antiga		
Sim	34	6%
Não	501	94%
Tinha medicamento em casa por prescrição antiga		
Sim	213	40%
Não	322	60%
Fornecido por outra pessoa		
Sim	142	27%
Não	393	73%
Amostra grátis		
Sim	136	26%
Não	398	74%
Febre		
Sim	312	58%
Não	222	42%

Tabela 3. Continuação.

Variável	N	%
Dor de cabeça		
Sim	466	87%
Não	68	13%
Dor muscular		
Sim	342	64%
Não	192	36%
Dor de estômago		
Sim	234	44%
Não	300	56%
Náuseas		
Sim	176	33%
Não	358	67%
Vômitos		
Sim	113	21%
Não	421	79%
Alergia		
Sim	196	37%
Não	338	63%
Tosse		
Sim	159	30%
Não	374	70%
Uso recorrente familiar		
Sim	380	71%
Não	154	29%
Orientação de atendente de farmácia		
Sim	105	20%
Não	429	80%
Pela prescrição antiga		
Sim	210	39%
Não	324	61%
Mídia		
Sim	32	6%
Não	502	94%
Amigos ou vizinhos		
Sim	133	25%
Não	401	75%
Aulas		
Sim	287	54%
Não	247	46%

de acadêmicos fumantes (4%), o que contribuiu para que nosso achado não fosse significativo.

A autoavaliação da saúde, portar alguma doença, ter consultado previamente com médico e o tipo de serviço de saúde mais utilizado foram outras variáveis sem valor estatístico significativo.

Metade das pessoas que se automedicaram o fez 10 vezes ou mais nos últimos 12 meses. Esse dado pode referir um risco maior da automedicação quando se levam em consideração os possíveis efeitos colaterais, intoxicações,

surgimento de micro-organismos resistentes, dependência e outras complicações devido à utilização demasiada de fármacos a longo prazo. Portanto, é possível que outros estudos estejam subestimando os riscos da intensidade da automedicação quando deixam de abordar esta variável.

Analgésicos (93%) e AINEs (76%) são as duas classes de medicamentos mais utilizados pelos acadêmicos do estudo, em parte por conta de tratarem os dois principais sintomas que levaram esses mesmos estudantes a se automedicarem: cefaleia e mialgia, como apontado por outros estudos (13,14). Em adição, 9% da amostra referiram automedicar-se com psicofármacos, que, na sua maioria, são vendidos de maneira restrita e criteriosa por conta do risco que oferecem quando usados de forma inadequada. Além disso, 18% dos acadêmicos avaliados automedicaram-se com antibióticos nos últimos 12 meses, possivelmente por este grupo ter mais acesso a estes medicamentos em relação à população em geral, mas que surge como risco para o agravamento do surgimento de micro-organismos resistentes em nosso meio.

Compra sem prescrição foi o método de obtenção mais comum dos medicamentos, o que deve servir de alerta para instituições reguladoras acerca da necessidade de restrição de fármacos sem prescrição médica. O uso recorrente familiar e o conhecimento adquirido através das aulas foram os principais métodos usados para aprender acerca da utilidade dos fármacos. A mídia pareceu não influenciar os estudantes de Medicina, pois apenas 6% referiram tomar conhecimento dos fármacos através desse meio.

CONCLUSÃO

A automedicação é uma prática influenciada por diferentes fatores, tais como aspectos culturais, classe social, facilidade de acesso aos fármacos e, no caso dos estudantes de Medicina, pela progressão do acadêmico ao longo do curso. Tendo em vista que o médico também é um educador e formador de opinião, deve-se dar atenção a esta prática dentre os alunos do curso de Medicina, pois se os mesmos encaram a automedicação de maneira banalizada, dificilmente espera-se que eles orientem seus pacientes de forma crítica quanto ao uso racional e responsável dos medicamentos. Além disso, a correção dessa problemática passa obrigatoriamente por uma mudança do ensino médico, uma vez que o próprio curso não aborda o tema de modo a criar um senso de conscientização nos acadêmicos, fato comprovado pela alta taxa de automedicação encontrada no presente estudo.

Deve-se salientar que, embora tenha malefícios reconhecidos, a automedicação desenvolve um papel social ao colaborar para o descongestionamento do sistema público de saúde, auxiliando na resolução de problemas simples, que não necessariamente requerem o acompanhamento médico, através de fármacos de livre acesso (a exemplo de analgésicos e antitérmicos). Portanto, entende-se que a automedicação não é uma prática que deva ser erradicada,

mas, sim, bem orientada, e que, para que isso aconteça, é necessária uma mudança nos paradigmas do ensino médico, o qual corresponde à base do problema.

REFERÊNCIAS

1. Dukes MN, Drug utilization studies. Copenhagen: WHO Regional publications. 1993.
2. Wajngarten M: Editorial. Rev. Assoc. Med. Bras. 2001, 47 (4): 269 - 295.
3. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA): Portaria n. 3996, de 30 de outubro de. Brasil: Ministério da saúde; 1998. doi:[http://www.anvisa.gov.br/legis/portarias/3916_98.htm]. Acesso em: 22.fev.2014.
5. Arrais PS, Coelho HL, Batista Mdo C, Carvalho ML, Righi RE, Arnau JM. Profile of self-medication in Brazil. Rev Saúde Pública. 1997, 31(1):71-77.
6. Barros JAC. Propaganda de medicamentos: atentado à saúde? São Paulo: Husitec/Sobravime. 1995.
7. Katzung BG. Farmacologia básica e clínica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2005.
8. Ferreira WA, Silva MEST, Paula ACCFF. Variação de farmácia caseira no município de Divinópolis (MG) por estudantes do curso de farmácia da UNIFENAS. RevInfarma. 2005, 17:7-9.
9. Loyola Filho AI, Uchoa E, Guerra HL, Firmo JOA, Lima-Costa MF. Prevalência e fatores associados a automedicação: resultados do projeto Bambuí. Rev Saúde Pública. 2002, 36:55-62.
10. Flores LM, Mengue SS. Uso de medicamentos por idosos em região sul do Brasil. Ver Saúde Pública. 2005, 39:924-929.
11. Naves JOS, Castro LLC, Carvalho CMS, Merchan-Hamann E. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas modificações. Ciência da Saúde Coletiva. 2010, 15(1):1751-1762.
12. Neto JAC, Mauro ST, Choi CMK, Barreto AU, Souza JB. Automedicação entre Estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora. HU Rev Juiz de Fora. 2006, 32(3):59-64.
13. Masson W, Furtado PL, Lazarini CA, Conterno LO de. Automedicação entre acadêmicos do curso de Medicina da Faculdade de Medicina de Marília, São Paulo. Rev. Bras. Pesq. Saúde, Vitória. 2012, 14(4): 82-89.
14. Da Silva MGC, Soares MCF, Muccilo-Baisch AL. Self-medication in university students from the city of Rio Grande, Brazil. BMC Public Health. 2012, 12:339.
15. Klemenc-Ketis Z, Hladnik Z, Kersnik J. Self-Medication among health care and non-health care students at University of Ljubljana, Eslovênia. MedPrincPract. 2010, 19(5):395-401.
16. Sapkota AR, Coker ME, Rosenberg REG, Atkinson NL, Sweet SJ, Sopheju PO, et al. Self-medication with antibiotics for the treatment of menstrual symptoms in South West Nigeria: a cross-sectional study. BMC Public Health. 2010, 10: 610.
17. Fonseca FIRM, Dedivitis RA, Smokou A, Lascane E, Cavalheiro RA, Ribeiro EF et al. Frequência de automedicação entre acadêmicos de faculdade de medicina. Diagn. Tratamento. 2010, 15(2):53-7.
18. Silva RCG, Oliveira TM, Casimiro TS, Vieira KAM, Tardivo MT, Faria Júnior M, et al. Automedicação em acadêmicos do curso de medicina. Medicina Ribeirão Preto. 2012; 45(1):5-11.
19. Vilarino JF, Soares IC, Silveira CM. Perfil da automedicação em um município do sul do Brasil. Rev Saúde Pública. 1998, 32(1):43-49.
20. de Aquino DS, de Barros JAC, da Silva MDP. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro. 2010, 15(5):2533-2538.
21. James H, Handu SS, Al Khaja K, Otoom S, Siqueira RP. Evaluation of the knowledge attitude of self-medication among first year medical students. Med Princ Pract. 2006, 15(4):270-275.

✉ Endereço para correspondência

Maurício Castro Pilger

Rua Senador Mendonça, 311/301/bl. A
96.015-20 – Pelotas, RS – Brasil

☎ (53) 8126-1013

✉ mauriciopilger@gmail.com

Recebido: 10/8/2015 – Aprovado: 30/8/2015